

PRAZER E SAÚDE SEXUAL DA MULHER CIS: BREVE ESTUDO TEÓRICO SOBRE DISCURSOS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Eixo Temático

ET 12 - Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas

Ingrid Caroline Winter de Souza ¹
Tatiana de Camargo ²

RESUMO

Historicamente o corpo feminino é considerado inferior, incompleto e incapaz de atingir a transcendência masculina. As práticas de regulação do prazer feminino persistiram até os dias atuais e os discursos sobre sexualidade na educação ainda refletem a misoginia. Tal mecânica faz parte de uma grande agenda capitalista de administração dos prazeres e normalização da ausência do prazer feminino refletiu diretamente nas práticas de dominação e violência, especialmente nas relações heterossexuais. A educação sofre influência direta do contexto sócio temporal, e o fazer pedagógico é moldado pelas crenças e dominações dos grupos opressores, bem como do repertório de vida dos sujeitos. Desta maneira, os discursos que permeiam as salas de aula podem servir de instrumento de controle.

Palavras-chave: Prazer feminino; Sexualidades; Mulher cisgênero; Educação.

Historicamente o corpo feminino é considerado inferior, incompleto e incapaz de atingir a transcendência masculina. Desta forma, a sexualidade feminina foi subjugada aos homens e suas teorias. As práticas de regulação do prazer feminino persistiram até os dias atuais e os discursos sobre sexualidade na educação ainda refletem a misoginia. Temas como a masturbação feminina, saúde menstrual, mutilação religiosa e aborto, por

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ingridcwinter@hotmail.com ;

² Profª Dra pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

exemplo, ainda são considerados tabus. Menosprezar estes temas é silenciar a luta das mulheres por felicidade, qualidade de vida e garantia de direitos sexuais, perpetuando a violência de gênero.

Laqueur (1990) conta que alguns filósofos, como Aristóteles e Galeno, defendiam que os órgãos sexuais femininos eram uma versão reduzida dos masculinos e, por isso, a mulher seria uma versão imperfeita do homem. Acreditava-se ainda que vagina era, na verdade, um pênis interno, e caso a mulher atingisse a força física do homem, ele se extorverteria, revelando a perfeição masculina. A partir daí, estabeleceu-se uma hierarquia entre as versões de um mesmo sexo. De um lado, o corpo masculino, a idolatria ao pênis e, de outro, o clitóris, desacreditado e considerado imperfeito.

Apesar de suas importantes contribuições para a psicanálise, as teorias freudianas de sexualidade servem de instrumento repressor do prazer feminino até os dias atuais. Freud (1905) instituiu a teoria de Inveja do Pênis e conceito de orgasmo vaginal. A teoria explica que, na infância, a menina percebe o próprio corpo a partir das relações com a figura materna e paterna, e compreende a própria genitália como uma versão mutilada do pênis. Já a mulher madura deverá encontrar o prazer vaginal, caso contrário, significaria uma rejeição à sua própria condição.

Foucault (1988) descreve a sexualidade como domínio a conhecer nas relações de poder-saber. Nesta perspectiva, os discursos regulatórios sobre sexualidade feminina, fazem parte, portanto, de uma grande agenda capitalista de administração dos prazeres. Na mecânica do poder, o corpo feminino sob interdição e condicionado à servidão, é encorajado a ocupar-se consigo mesmo, contanto que seja em prol da manutenção do imaginário social, e revela utilidade enquanto objeto de desejo e satisfação do outro e nunca apenas de si. A mulher que porventura ocupa-se exclusivamente consigo e com próprio prazer sexual passa a ser chamada de histérica. Relações de poder e opressão, outras e ainda mais complexas, se analisadas através do prisma das interseccionalidades.

Louro (1999) explica que, apesar da hierarquização dos corpos, até o século XVIII o prazer feminino era considerado importante para o processo de reprodução, pois acreditava-se que o orgasmo feminino era necessário para que houvesse fecundação. Com o avanço da ciência e das descobertas acerca do ciclo hormonal feminino, novas interpretações foram surgindo, modificando o discurso regulador.

Muehlenhard; Shippee (2010), mostraram que 67% das mulheres praticantes de sexo pênis-vagina já fingiram orgasmo ao menos uma vez. Mais recentemente, Frederick e colaboradores (2018) produziram um estudo comparativo entre as frequências de orgasmos em homens e mulheres, gays, lésbicas, bissexuais e heterossexuais nos Estados Unidos. Enquanto 95% dos homens heterossexuais afirmam sempre atingir o orgasmo durante a relação sexual, apenas 65% das mulheres heterossexuais afirmam sempre atingir o orgasmo durante a relação sexual. Como esperado, a frequência é maior no sexo lésbico, 86%.

No senso-comum ainda circula a ideia de que, para o homem, atingir o orgasmo é algo simples, fácil e inerente ao ato sexual, enquanto para a mulher é algo secundário, complicado e até mesmo raro. Quando, na verdade, a hierarquização dos prazeres está enraizada nas relações de gênero, e resulta na falta de estímulo ao autoconhecimento feminino. A prova disso é que, inacreditavelmente, a anatomia do clitóris foi revelada somente em 1998 pela urologista Hellen O'connan. A partir daí os holofotes voltaram-se novamente para o principal órgão de prazer feminino.

Contudo, a normalização da ausência do prazer feminino refletiu diretamente nas práticas de dominação e violência, especialmente nas relações heterossexuais. Segundo Louro (1999), “o gênero é uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável.” (Louro, 1999, p.40).

No âmbito da educação, os principais documentos brasileiros que regem a ensino em ciências enfatizam a importância de se trabalhar as sexualidades como temática transversal na escolarização básica. Como seguem os trechos:

Em conexão com o tema transversal Orientação Sexual, a sexualidade humana é considerada uma expressão que envolve fatores biológicos, culturais, sociais e de prazer, com significado muito mais amplo e variado do que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas, sociais e psíquicas que incluem mas não se restringem à dimensão biológica. (PCN Ciências Naturais, 1998, p. 47)

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular a seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90). (DCN Ensino Fundamental, 2013, p 136)

A educação sofre influência direta do contexto sócio temporal, e o fazer pedagógico é moldado pelas crenças e dominações dos grupos opressores, bem como do repertório de vida dos sujeitos. Desta maneira, os discursos que permeiam as salas de aula podem servir de instrumento de controle. Louro (1999) explica que os dogmas religiosos condicionaram o corpo feminino e que “as doenças venéreas representavam uma grande ameaça à saúde, mas eram enfrentadas através de tentativas de controlar e regular a sexualidade feminina ao invés da masculina.” (Louro, 1999, p. 37). Em contraponto, a escola pode e deve ser instrumento de potência e liberdade.

Apesar de ser um tema transversal, por se tratar das questões do corpo, é seguro dizer que a responsabilidade de se trabalhar sexualidades em sala de aula recai usualmente nos ombros das educadoras e educadores de ciências e biologia. Por isso, a educação científica deve se comprometer com o rompimento dos paradigmas seculares de biologização dos corpos e patologização das mentes, em sendo a educação peça importante no processo de subjetivação das alunas e alunos. Sobre este processo, De Beauvoir (1949) explica que “Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de

certos valores que ele se valoriza” (De Beauvoir, 1949, p. 56). Sendo assim, na dialógica da sala de aula, professoras e alunas, podem encontrar em si referência, inspiração, potência, identificação, mas também podem encontrar os mesmos discursos reguladores dos corpos femininos e seus prazeres.

A temática do autoconhecimento feminino está em voga e altamente difundida por meio dos espaços não-formais, como sites e páginas em redes sociais³, filmes e seriados de televisão. Porém, observo que trabalhos acadêmicos que abordem tais questões, buscando subsídios teóricos para a difusão destes temas dentro da própria educação em ciências, são pouco frequentes. Creio que, no âmbito das pesquisas acadêmicas, o prazer e a saúde sexual da mulher cisgênero são temas considerados superados em meio à uma gama de temáticas tão relevantes e emergentes como, por exemplo, os direitos LGBTQIA+ e a violência de gênero. Por isso, é importante enfatizar que o prazer e saúde sexual da mulher estão diretamente relacionados às demais temáticas emergentes, pois reverberam na emancipação dos prazeres, da liberdade e da qualidade de vida.

A partir deste breve estudo, convido as pesquisadoras em educação em ciências para uma reflexão acerca dos dispositivos de controle de suas sexualidades, das consequências desta mecânica e de que forma reverbera sobre a prática pedagógica no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

³ São exemplos:

Projeto Clitóri-se: <https://www.clitoris.org.br/> - Promove a visibilidade do clitóris, oferece cursos online, venda de produtos, informações e curiosidades via páginas na internet.

Blog Vagina Sem Neura: <https://vaginasejneura.com/> - Idealizado por uma fisioterapeuta pélvica, disponibiliza textos com informações sobre saúde e autoconhecimento.

Blog Herself: <https://herself.com.br/blog/> - Um espaço virtual que faz parte do projeto “Herself” de calcinhas menstruais, autoria de estudantes da UFRGS. Disponibiliza textos sobre saúde menstrual e autoconhecimento.

Ginecologista Sincera: <http://www.ginecologistasincera.com.br/> - Informações sobre saúde da mulher.

Diga Vulva: <https://digavulva.com.br/> - Victoria de Castro, bióloga e educadora menstrual fala sobre prazer e saúde sem misticismo.

_____. (2000). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, MEC/SEF/COEJA.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 1949.

FOUCAULT, Michel et al. História da sexualidade I: a vontade de saber. In: **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 1988. p. 152-152.

FREDERICK, David A. et al. Differences in orgasm frequency among gay, lesbian, bisexual, and heterosexual men and women in a US national sample. **Archives of sexual behavior**, v. 47, n. 1, p. 273-288, 2018.

FREUD, Sigmund; DA FONSECA, Ramiro. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. 1997.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 1999.

MUEHLENHARD, Charlene L.; SHIPPEE, Sheena K. Men's and women's reports of pretending orgasm. **Journal of sex research**, v. 47, n. 6, p. 552-567, 2010.

O'CONNELL, HELEN E. et al. Anatomical relationship between urethra and clitoris. **The Journal of urology**, v. 159, n. 6, p. 1892-1897, 1998.